
FICA Garopaba 2023: Potencialidades e Limitações do Cinema Ambiental Periférico como Resistência e Luta Anticapitalistas ¹

Luna-Nina Vanzella CÂNDIDO²

Ana Paula BRAGAGLIA³

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

Busca-se analisar como o cinema ambiental periférico, em específico o FICA Garopaba 2023 (Festival Internacional de Cinema Ambiental de Garopaba) vem (ou não) se configurando como resistência e/ou luta anticapitalista, isto é, denunciando como principais responsáveis pela grave crise climática atual, agentes, cenários e mecanismos do capitalismo contemporâneo. Para tanto, a partir de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), foram categorizados os filmes selecionados; uma entrevista em profundidade foi realizada com o diretor do evento, Cristovam Muniz, completando a etapa de estudo de caso (GIL, 1995); bem como, por meio de Análise de Discurso (ORLANDI, 2013) aliada ao desvelamento de ideologias (THOMPSON, 2011) do capital, foi analisada a obra “8 bilhões: somos todos responsáveis”, que alcançou significativa repercussão na mostra.

PALAVRAS-CHAVE: cinema ambiental; cinema periférico; ideologias do capital; anticapitalismo; economia política.

Introdução

O artigo ora proposto visa investigar como o cinema ambiental periférico vem (ou não) se configurando como resistência e/ou luta anticapitalista, isto é, denunciando como principais responsáveis pela grave e crescente crise climática atual, os agentes, cenários e mecanismos do capitalismo contemporâneo, em busca de compreender ainda significações (ideologias, entre outros aspectos) das possíveis diferenças de abordagem, e de desvelar e enfatizar formas de cinema ambiental com ainda mais potência para contribuir com a transformação dos cenários do capital que vêm assolando o país e o mundo também na forma de destruição ambiental.

O recorte é a edição de 2023 do Festival Internacional de Cinema que ocorre na cidade de Garopaba, Santa Catarina, o FICA Garopaba. O objetivo deste artigo não é apontar determinações para os caminhos do cinema ambiental periférico, mas entender

¹ Trabalho apresentado na IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Cinema da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, E-mail: luna.vanzella@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Cinema da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, e-mail: ana.paula.bragaglia@ufsc.br.

justamente o que tem acontecido nos territórios onde este cinema se faz presente, quais são as potencialidades atingidas e o que ainda as limita, quais são os desafios superados e os que ainda não foram. Desse modo, a análise do FICA Garopaba (Santa Catarina), contribui ainda para que também nós, pesquisadoras, territorializemos a pesquisa científica em busca da valorização de espaços não hegemônicos de pertença.

Entre as abordagens que refletiriam tais elementos de resistência e/ou luta anticapitalista (denominações que estão sendo diferenciadas e devidamente explicadas no projeto de pesquisa em andamento, a partir de várias leituras de economia política ou de enfoque similar, marxianas, marxistas ou de outras bases), estão, por exemplo, a ênfase na indústria capitalista como responsável pelos impactos ambientais e nas alianças entre poder público e empresas privadas, para que estas últimas sejam beneficiadas. Outro quadro importante a ser estudado são as ideologias neoliberais e das premissas do modo capitalista de produção. Entre elas, tem-se as referentes à valorização do indivíduo e da coletividade na maior parte das sociedades capitalistas do mundo (pós ou hiper)moderno, ou seja, a presença ou ausência de discursos que minimizem a importância da ação coletiva, através do poder público e das indústrias, na resolução dos ataques à natureza, em despeito à supervalorização das ações cotidianas do cidadão comum.

A "relação conflituosa" entre meio ambiente e capitalismo foi exposta de uma forma bastante clara no capítulo "Ideologias do capital como forma de persuasão indireta no cinema ambiental hegemônico" (BRAGAGLIA, MAGALHÃES, DIAS, CÂNDIDO, 2023), no livro "A dissimulação na sociedade de consumo: um olhar crítico sobre as estratégias de persuasão indireta no marketing" (BRAGAGLIA, BURROWES, 2023) O texto já é um dos resultados de publicação do PIBIC 2023-2024, contando, na autoria, com orientadora e bolsista do referido projeto e outras duas membras do grupo de pesquisa ESC - Ética (para além) da Sociedade de Consumo, coordenado pela professora proponente desta proposta de PIBIC 2024-2025, Ana Paula Bragaglia. A citação abaixo sintetiza as maiores explicações sobre tal embate entre natureza e capital.

Há entre os cientistas um consenso de que a ação humana vem deteriorando a natureza de forma inequívoca a uma velocidade sem precedentes. Esta constatação abriu a discussão se estaríamos vivendo o Antropoceno - para outros autores melhor descrito como Capitaloceno (Issberner, Léna, 2019). Cunhado pela primeira vez em 2000 pelo químico holandês Paul Crutzen, o Antropoceno diz respeito a uma nova era geológica marcada por degradação ambiental e catástrofes ecológicas como a recente pandemia de covid-19 e a crise climática –

julho de 2023 já é o mês mais quente dos últimos 120 mil anos, com ondas de calor extremo no verão do hemisfério norte (Oliveto, 2023). E as previsões da ciência estimam que as temperaturas devem continuar a subir e atingir uma média de cerca de entre 2,4-2,6°C acima do período pré-industrial até o final deste século, se os atuais compromissos climáticos dos países forem mantidos e cumpridos (Pnuma, 2022). (BRAGAGLIA, MAGALHÃES, DIAS, CÂNDIDO, 2023, p. 342)

Gouvêia (2020, p. 21) aponta enfaticamente a relação entre essas bases do sistema capitalista e os impactos ambientais, destacando o cenário da pandemia de Covid-19 deflagrado em 2020. Afirma a professora que “é imprescindível lembrar que a própria Covid-19 não é um ‘agente externo e não existiria e/ou não teria as mesmas consequências fora do sistema capitalista’”. (GOUVÊIA, 2020, p. 21) Isso porque esse modo de produção resulta de um processo de destruição ambiental: “É bastante provável que a expansão territorial do capitalismo tenha levado ao contato com vírus presentes em outras espécies e com um cenário que permite entender bem essa reflexão de Gouvêia é o desmatamento, enquanto resultado capitalista de se obter mais “meios de produção”, como terras e matérias-primas para a produção massiva e lucrativa de mercadorias (CATANI, 1982). Biólogos, médicos, biomédicos e outros pesquisadores explicam com clareza essa relação: ao desmatar, a biodiversidade tende a diminuir; com isso, espécies portadoras de agentes patógenos diversos ficam sem predadores naturais e se multiplicam descontroladamente; assim, maior a chance de terem contato com humanos, o que é propiciado pelo fato da criação de pastos e cultivos em áreas florestais geralmente ser acompanhada de aumento de densidade populacional no entorno.

FICA Garopaba 2023 - Festival Internacional de Cinema: estudo de caso

A metodologia adotada nesta etapa da pesquisa foi o “Estudo de Caso” (GIL, 2002), uma vez que o método “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”, atentando para, por exemplo, “descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação” e “explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas”. (GIL, 2002, p. 138) Seguindo as demais etapas do método além da própria escolha da “unidade-caso” (GIL, 2002), observou-se primeiramente que o FICA Garopaba de 2023 recebeu 523 inscrições/filmes (GAROPABA, 2023). Em planilha enviada para a equipe de curadoria, da qual uma das autoras deste artigo fez parte e, por

esta razão, pôde acessá-la, nota-se que sessenta e cinco (65) filmes foram designados para avaliação e, destes, vinte e quatro (24) foram aprovados para exibição na edição de 2023.

Uma entrevista em profundidade foi realizada pelas pesquisadoras com o diretor geral do festival, Cristovam Muniz, que é “biólogo e mestre em Zoologia pela UFRJ, produtor cultural e coordenador de curadoria de festivais de cinema” (RSC PORTAL, 2023). Muniz logo elucidou as razões dessa redução volumosa entre filmes inscritos e filmes curados. Segundo ele, por utilizarem uma plataforma online global para a inscrição de filmes, muitas pessoas não se atentaram aos temas sociais e ambientais e inscreveram filmes que não eram condizentes com a proposta do FICA Garopaba. Dessa forma, foi necessária uma busca ativa pelas sinopses dos filmes inscritos, buscando fazer uma triagem apenas daqueles julgados como dentro da abordagem do festival. (MUNIZ, 2024)

É após esse filtro que a curadoria inicia seu trabalho. Em 2023, a equipe contava com nove (9) pessoas, entre elas uma (1) travesti não-binária, quatro (4) mulheres cis e quatro (4) homens cis. Uma (1) das mulheres é indígena do povo *sateré-mawé*, um (1) dos homens é negro, e as outras sete (7) pessoas são brancas. Além disso, cinco (5) pessoas são ligadas ao ramo artístico, duas (2) trabalham com ecologia, uma (1), com educação e uma (1), em atividades de militância política. Esse esforço para ter diversidade na equipe, em termos de identidades, ocupações e formações, foi citado também por Muniz (2024) como um cuidado para contribuir com a diversidade dos filmes escolhidos.

Durante a entrevista, também foi dito que essas pessoas eram do círculo pessoal de afeto/confiança (amizades, colegas de militância, admiradores do evento, contatos do meio audiovisual, etc). Todas faziam trabalho voluntário, de troca ou de baixo custo em prol do festival, na produção, tradução, curadoria, fotografia, assessoria de imprensa ou no design. O trabalho era intenso, como para realizar uma “curadoria de crescimento”, marcada por reuniões frequentes em que os filmes eram exaustivamente debatidos por toda a equipe segundo critérios técnicos, artísticos e políticos antes da avaliação final. Outro ponto relatado foi que, algumas vezes, o discurso da obra é mais determinante para a seleção do que linguagem, técnica e estética cinematográficas. (MUNIZ, 2024)

Ainda descrevendo as/os envolvidas/os na produção da mostra, é importante analisar as parcerias firmadas pelo FICA Garopaba ao longo de sua realização. Similarmente ao trabalho da equipe interna, as parcerias (com estabelecimentos comerciais, por exemplo) foram sempre negociadas por meio de trocas que favorecessem o festival. Exemplo disso é a produção do festival ser encampada pela Pátria Grande

Produções, produtora independente de cinema ambiental, artes visuais e música, em associação com o Instituto Caeté, uma iniciativa de formação popular de educação, cultura, direitos humanos e agroecologia. Os primeiros apoiadores creditados foram o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) - Garopaba, a Expancine Produções e o Raiz Centro Cultural (sediados em Garopaba). (FICA GAROPABA, 2023; MUNIZ, 2024)

Nenhum desses apoios se deu com investimento direto de dinheiro, mas, sim, por permutas. Assim, por exemplo, o IFSC Garopaba, o Raiz Centro Cultural, escolas municipais das Prefeituras de Imbituba e Garopaba, e a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) Campus Laguna cederam espaços para exposições (itinerância do evento em cidades próximas); a Expancine Produções foi responsável pela mobilidade com van com tela e equipamento de projeção móvel; o JJ Hotels Group e o Hotel Ferrugem ofereceram hospedagem, e outras parcerias surgiram como com a Cooperativa de Energia Elétrica de Paulo Lopes (CERPALO), a Cia Desmontagem Cênica, a Atitude Cia de Dança e a Direção de Extensão. (FICA GAROPABA, 2023; MUNIZ, 2024)

Posto isso, parte-se para o levantamento dos filmes que foram selecionados pela curadoria, valendo-se da etapa de definição de “categorias de análise” mencionada por Bardin (2011) em seu método Análise de Conteúdo. Dos vinte e quatro (24) filmes exibidos, seis (6) eram internacionais; dezoito (18), brasileiros; treze (13), documentários; dez (10), de ficção (sendo seis animações) e um (1), experimental. Das dez ficções, quatro (4) eram estrangeiras (uma delas uma animação); as outras seis (6) eram brasileiras (cinco delas animações). Dos treze documentários, somente dois (2) eram estrangeiros e o filme experimental era nacional. Dos filmes de fora, um (1) era da América do Sul, um (1), da América Anglo-Saxônica, dois (2), europeus, um (1), do Oriente Médio e um (1), coprodução da Europa e Oriente Médio. Dos filmes brasileiros, onze (11) eram do Sudeste, três (3), do Norte, dois (2), do Nordeste e dois (2), do sul. (FICA GAROPABA, 2023)

Sobre os assuntos principais abordados pelos filmes, a segmentação que fizemos seguinte o método de categorização de Bardin (2011) resultou nos seguintes grupos: questão ambiental, questão indígena ou tradicional, trabalho, guerra, moradia, negritude e *sapatransviadagem*⁴. Aqui há algumas observações a se fazer. Dois (2) filmes aparecem

⁴ Ao invés de utilizar uma sigla que se encontra em discussão e alteração do seu uso, como LGBT ou, uma mais atual, LGBTQIAPNB+, ou um termo estrangeiro como queer para tratar de um único filme nacional que aborda questões da comunidade de pessoas sexo-gênero dissidentes do Brasil, foi feita a escolha do uso dessa junção de palavras de

em duas segmentações, por abordarem mais de um dos assuntos, que são *Bajo La Corteza* (abordando principalmente a questão ambiental, mas também de trabalho) e também *perifericu* (abordando principalmente a *sapatransviadagem*, atravessada também pela perspectiva da negritude). Também vale ressaltar que a questão das comunidades indígenas e tradicionais é sempre também uma questão ambiental, porém com especificidades e cosmovisões que os outros filmes ambientais não trazem, razão por que colocou-se aqui também essa segmentação.

Os temas principais dos filmes aprovados foram a questão ambiental geral e a indígena/tradicional, como se esperava. Cada um desses grupos possui oito (8) filmes, totalizando dois terços dos selecionados. Os temas de trabalho e guerra vem em seguida com mais destaque, cada um com três (3) filmes. O segmento sobre negritude possui dois (2) filmes, e as categorias de moradia e *sapatransviadagem* contam, respectivamente, com um (1) filme cada uma. O quadro a seguir permite uma visão geral e ilustrativa sobre tais categorias de análise sobre temáticas dos filmes e sua quantificação:

Quadro 1 – categorias de filmes do FICA-Garopaba 2023 por temática

Povos indígenas ou tradicionais	Ambiental	Trabalho	Moradia
8 Bilhões: Somos todos Responsáveis	A Baleia Mágica	Fantasma Neon	<i>Muribeca</i>
<i>Devil Put the Coal in the Ground</i>	<i>Bajo la Corteza</i>	Paulo Galo: Mil faces de um homem leal	
A Febre da Mata	Cora e os Corais	<i>Bajo la Corteza</i>	Sapatransviadagem
A Rota da Canoa	De Corpo e Mirada Aberta		<i>Perifericu</i>
Escute: A terra foi rasgada	Liga da Mata: Abelhas	Guerra	
<i>Mãri Hi: A árvore do sonho</i>	<i>Made In</i>	Frontera	Negritude
<i>Thuë Pihî Kuumi: Uma mulher pensando</i>	Mulheres na Conservação	Sombras de <i>Beirut</i>	Meu Nome é <i>Maalum</i>
<i>Vành Gõ Tô Lăklănô</i>	<i>Nonna</i>	Zoo	<i>Perifericu</i>

Fonte: CÂNDIDO; BRAGAGLIA, 2024.

Como pode se ver, há uma preocupação em não só trazer temas diretamente ligados à questão ambiental, mas também outros assuntos que trazem maior diversidade ao festival e, assim, atrair mais público que seja, em paralelo, alcançado pelos filmes com temática ambiental. (MUNIZ, 2024) Podemos entender melhor essa decisão quando vemos os locais em que foram exibidos os filmes, pois se trata de um festival itinerante.

identidades brasileiras (no caso, as palavras sapatão, trans/travesti e viado ou viadagem, respectivamente), algo já feito por essa comunidade.

As exposições ocorreram em locais como cooperativas, bares, praças, ocupações, assentamentos, quilombos, escolas, universidades, teatros e centros de atenção psicossocial. No quadro abaixo podemos ver os locais e as cidades do litoral sul catarinense que receberam o FICA Garopaba:

Quadro 2 - cidades e locais de exposição do FICA-Garopaba 2023

Garopaba	Imbituba	Paulo Lopes
CAPS	Teatro Usina	Bar Almirante
Centro Multiuso IFSC		CEPARLO
EEB Maria Correa Saad	Laguna	Praça da Prefeitura
Quilombo Aldeia	CERES – UDESC	
Raiz Centro Cultural		Palhoça
	guas Mornas	Ocupao Carlos Marighella
Florianópolis	Comuna Amarildo de Souza	
EEB Leonor de Barros		

Fonte: CÂNDIDO; BRAGAGLIA, 2024.

Como sinalizado há pouco, para que haja um diálogo maior com o público presente nesses territórios e espaos, a escolha de filmes de temáticas que abordam mais diretamente questões ligadas às vidas das pessoas presentes nesses lugares funciona de certa forma como uma porta de entrada para que a questão ambiental também seja debatida junto desses demais temas. Um exemplo mais ilustrativo de como isso ocorreu pode ser as aes realizadas no festival na data de 1 de julho de 2023, quando houve uma exposio de filmes no Quilombo Aldeia em Garopaba (GAROPABA, 2023).

A programao do dia comeou às 19h da noite, após o horário comum de trabalho já se encerrar, e não se durava muito mais que uma (1) hora. Os filmes exibidos foram, respectivamente, “Meu Nome  Maalum”, “Noona”, “Vnh G T Laklãnõ” e “Paulo Galo: Mil fces de um homem leal”, todos entre sete (7 min) e vinte e cinco minutos (25 min). Os dois primeiros filmes eram animaes infantis e trabalhavam com questões sobre negritude e meio ambiente. Os outros dois filmes, “Noona” e “Vnh G T Laklãnõ” - produes catarinenses -, eram para um público mais adulto e abordaram temas dos povos indígenas e do trabalho precarizado. Podemos perceber com este desenho de exposio uma preocupao específica com o público do território do quilombo. Isso porque foi priorizada a questão racial além da ambiental, bem como levado em conta o interesse potencial também das crianas moradoras do local. Da mesma forma, atentou-se para povos em luta por seu território e por melhores condies em seus trabalhos, dialogando

com o cotidiano do público juvenil e adulto do quilombo. Ou seja, a produção do festival utilizou critérios interseccionais na construção da programação, atentando para raça, classe, trabalho, luta pela terra e meio ambiente.

Há outros exemplos deste cuidado em montar a programação. É o que se nota com a exibição da obra “*Perifericu*”, seguida do filme “Paulo Galo: Mil faces de um homem leal” e, por fim, do longa-metragem “*Bajo la Corteza*” na “Comuna Amarildo de Souza”, na cidade de Águas Mornas (Santa Catarina). Tais filmes trouxeram o debate sobre dissidências de sexo e gênero, negritude, precarização do trabalho, para além da questão ambiental, em um assentamento em prol da reforma agrária onde atuam movimentos sociais e políticos em torno das causas encampadas pelas obras. Além disso, houve o cuidado de realizar rodas de conversa após a apresentação dos filmes, com grupos de debatedores formados tanto por pessoas ligadas à produção, direção e criação dos filmes quanto por trabalhadores e militantes ligados aos temas dessas obras.

Esses formatos de programação são apenas alguns exemplos deste tipo de raciocínio atento ao público de cada local de exibição guiando a elaboração da programação diária do FICA Garopaba 2023. Vê-se tal perspectiva na construção da programação completa do festival. Prova disso é o fato de que escolhas de filmes e lugares onde eles são exibidos já são pensados em conjunto na montagem da programação.

Na entrevista com Cristovam Muniz (2024), outro ponto de extrema importância para os propósitos desta pesquisa foi pontuado. Muniz (2024), de forma espontânea, afirmou que o FICA Garopaba se caracteriza como um festival com posicionamento político anticapitalista. E, complementando, destacou que as implicações desse posicionamento estão não somente nos filmes selecionados, já que todas as obras dialogam com a perspectiva de um cinema, ambiental ou não, também de luta ou resistência ao sistema macroeconômico vigente. Tal posicionamento anticapitalista é refletido também na própria estrutura como um todo do festival, nos territórios e espaços que ocupa, na forma de escolher suas parcerias, no trabalho que as pessoas dedicam ao evento, no formato não-competitivo da mostra (não há premiações no evento), no teor dos debates realizados e na postura política dos debatedores convidados, entre outros aspectos. Esse olhar anticapitalista, assim como a diversidade almejada, é visível no próprio texto de descrição do festival no portal *Festhome* (2024), uma vez que a busca de “intervenções no real” é um propósito conhecido do “materialismo histórico” marxiano (GOUVÊIA, 2021) que almeja a superação do modo capitalista de produção:

O Festival é pautado na diversidade de temáticas, de formatos de filmes, de equipe, na busca de abarcar a diversidade do cinema socioambiental produzido no Brasil e no mundo. A curadoria abrangente denotará uma também abrangente programação, com especialistas das mais diversas áreas do conhecimento para promover trocas durante o evento e que se traduzam em intervenções no real. (FICA GAROPABA, 2024)

O filme “8 Bilhões: Somos todos responsáveis”: ideologias do capital em discussão

Neste momento do texto, pretendemos fazer uma análise específica do filme indígena “8 Bilhões: Somos todos responsáveis” (ficha técnica descrita mais adiante), exibido na edição de 2023 do FICA Garopaba. A escolha desse filme se dá por ser um dos dois filmes com maior recorrência nas exibições do festival - cinco (5) sessões de exibição -, ao lado do filme “Liga da Mata – Abelhas”. Optamos por analisar esta obra, pela sua quantidade de informações e reflexões e por se enquadrar no que Muniz (2024) entende como “cinema de luta” (engajado em diversas causas sociais e com vistas à transformação), exatamente o que o entrevistado define como o efetivo cinema ambiental.

Como método analítico, esta pesquisa se inspirou na Análise Crítica de Discurso, de Thompson (2011), que entende ideologia como emaranhados de sentidos, isto é, discursos, voltados a sustentar/legitimar relações de dominação:

A análise da ideologia [...] está primeiramente interessada com as *[sic]* maneiras como as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder. Ela está interessada nas maneiras como o sentido é mobilizado, no mundo social, e serve, por isso, para reforçar pessoas e grupos que ocupam posições de poder. (THOMPSON, 2011, p. 75-76)

A partir daí, buscou-se, por meio da Análise de Discurso de Orlandi (2013), observar elementos do “dito” e do “não dito” (implícito) no filme que contrariam ou reforçam ideologias típicas do capitalismo neoliberal. Tais ideologias foram elencadas a partir de leituras de economia política marxianas e marxistas como as listadas na Introdução deste artigo. Pelo menos as seguintes ideologias do capital podem ser listadas seguindo este raciocínio: “a ideologia do individualismo ou do foco na valorização e na responsabilidade do indivíduos, e não de uma coletividade, como o complexo industrial” e o discurso “de que se pode consertar todos os problemas do capitalismo com o próprio capitalismo”. (BRAGAGLIA; MAGALHÃES; DIAS; CÂNDIDO. 2023, p. 352-354) Para tanto, o filme foi assistido diversas vezes e, seguindo a análise de contexto proposta pela Análise de Discurso (ORLANDI, 2013), foram buscadas outras referências do

protagonista do documentário, o ambientalista e intelectual indígena Ailton Krenak, como por meio da leitura de alguns de seus livros (KRENAK, 2019; KRENAK, 2020).

Na ficha técnica do filme, assinam a direção geral e produção Andrea Flores Urushima, Cesar Shundi Iwamizu e Nelson Kao. Já no roteiro estão Guilherme Herrera Falchi, Andrea Flores Urushima, Cesar Shundi Iwamizu e Nelson Kao. O vídeo foi preparado para ser apresentado no *Embodying Local Knowledges - Critical Ecologies Symposium* (Incorporando Sabedorias Locais - Simpósio de Ecologias Críticas, em tradução livre), realizado pela *Taipei National University of The Arts* com apoio e promoção da *Kyoto Seika University*, *Zurich University of The Arts* e *Shared Campus Critical Theme Group*. Além disso, circulou em festivais e outras mostras, como o FICA Garopaba, FICA SC e a Mostra Curta Taquary, na qual foi vencedor nas categorias de melhor ator, direção, som e roteiro (KAO, 2023).

Dos aspectos técnicos e estéticos do filme, cita-se que a premiada trilha sonora, com sons dissonantes de violinos e outros típicos do gênero terror, transmite sonoramente que o maior horror que está sendo assistido é o da realidade descrita pouco a pouco por Ailton Krenak. Reforçam essa mensagem imagens de brutal desigualdade social, do ritmo alucinado do capital em metrópoles e de catástrofes climáticas que afetam toda biosfera.

Discute-se agora a fala de Ailton Krenak no filme. Sua própria voz traz tanto o cansaço quanto a urgência de alterar o estilo de vida imposto à sociedade hoje como norma, imposição que apaga o estilo de vida de outros povos, como o “fim de mundo” mencionado no filme que indígenas e ribeirinhos tiveram após o criminoso rompimento da Barragem do Fundão da empresa Samarco em Mariana - MG, em 2015. Neste ponto, o entrevistado aborda o que entendemos como a ideia mais presente ecoada em seu discurso: o esgotamento da ideia de humanidade que temos hoje em dia.

Essa ideia nos é apresentada logo no primeiro minuto do filme com a vontade que Ailton Krenak expressa de que o ser humano entre na lista de espécies em extinção, para que isso modere a fúria que existe em consumir tudo do planeta. Essa acidez em seu discurso quanto ao que é chamado de “humanidade” pode chocar com o que entendemos como humanidade, ou seja, a positividade, o otimismo dessa palavra. Ailton Krenak critica justamente essa noção no filme.

Ao longo da obra, ele nos mostra casos que demonstram como essa ideia de humanidade se baseia em ideias capitalistas de produção e consumo desenfreados, eterno progresso econômico lucrativo, centralidade da perspectiva de intervenção humana e fé

nas tecnologias científicas como solução. Tais noções são próprias do “Antropoceno”, como é mencionado pelo ambientalista, também entendido como “Capitaloceno” em diversos debates acadêmicos (ISSBERNER; LÉNA, 2019). Esse “cansaço” mencionado também aparece quando o filósofo pontua que o projeto de humanidade “já deu”, que não temos só que mudar o humano mas também a humanidade, e até mesmo “tirá-la”.

Tal fala é chocante pois, com tantos discursos que podemos identificar como ecofascistas circulando — dizendo que a humanidade é um vírus no planeta que tem que ser exterminado, que o ser humano não consegue fazer outra coisa além de destruir o planeta, que a população mundial deve ser diminuída com um projeto político para tal (e uma crítica ao tamanho da população mundial aparece no documentário) — mensagens como essa podem parecer algo do tipo. Porém, elas partem de lugares muito diferentes: um discurso ecofascista com um projeto intencional de extermínio de pessoas e outro, do filme estudado, é oriundo de uma profunda crítica ao que se entende como pessoas que merecem participar de um “clube da humanidade” (KRENAK, 2019, p. 8). Isso não exime a responsabilidade de que um discurso crítico não pode assemelhar-se a um discurso de destruição, porém nota-se com nitidez uma ressalva, uma contextualização para tal fala.

No primeiro capítulo de “Ideias para adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2020), de nome homônimo, vemos uma boa apresentação da discussão crítica à ideia contemporânea de humanidade levantada. A discussão inicia na origem da ideia de humanidade imposta pela colonização, “de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida” (KRENAK, 2019, p. 11), sustentando a ideia de distinção entre seres humanos (alguns seriam mais, menos ou nada humanos). O autor também disserta sobre quem são essas pessoas ditas menos ou nada humanas: “são caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes — a sub-humanidade. Por que tem uma humanidade, vamos dizer, bacana. E tem uma camada mais bruta, rústica, orgânica, uma sub-humanidade, uma gente que fica agarrada na terra” (KRENAK, 2019, p. 21-22). Já no capítulo “A humanidade que pensamos ser”, o autor e entrevistado do filme coloca que “nosso apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade é a marca mais profunda do Antropoceno. Essa configuração mental é mais do que uma ideologia, é uma construção do imaginário coletivo”. (KRENAK, 2019, p. 58).

Como se pode ver, o debate crítico levantado por Ailton Krenak caminha mais no sentido de questionar que tipo de ideia calcou o que entendemos hoje como humanidade do que colocar a existência em si do ser humano no planeta como um problema, e de

forma alguma algo que justifique a destruição dessa espécie. Em certos momentos podemos até ver como ele articula uma ideia de abranger o conceito de humanidade para seres não-humanos, “quando falo de humanidade não estou falando só do *Homo sapiens*, me refiro a uma imensidão de seres que nós excluimos desde sempre: caçamos baleia, tiramos barbatana de tubarão, matamos leão e o penduramos na parede [...]” (KRENAK, 2020, p. 7). Essas ideias vêm junto do sentimento de desesperança (cansaço) do protagonista, que lhe faz trazer falas complexas, como as já postas e outras de seus livros.

somos a praga do planeta, uma espécie de ameba gigante. Ao longo da história, os humanos, aliás, esse clube exclusivo da humanidade-que está na declaração universal dos direitos humanos e nos protocolos das instituições-, foram devastando tudo ao seu redor. (KRENAK, 2020, p. 7)

Neste trecho, vê-se que o filósofo afirma tanto que a espécie humana é uma praga, como também coloca que é esse grupo seletivo que é entendido como humanidade e não a espécie em si que devasta. As ideias acabam, assim, demandando uma contextualização. O FICA Garopaba parece ser justamente um desses canais para que essa contextualização ocorra, pois, após a exibição, com rodas de conversa, aspectos do filme podem ser debatidos dentro dos territórios em que são exibidos junto da comunidade local. O filme traz como a perspectiva de tempo estabelecida hoje, por exemplo, condiciona a recuperação do Rio Doce a ainda possibilitar a exploração econômica desse local, e não o tempo do Watú, como o povo Krenak chama o rio, de recuperar a si próprio. Além disso fala da forma como arquiteturas tradicionais, como a japonesa que é citada, que tocam gentilmente a terra sem incidir sobre ela são soterradas pela arquitetura urbana do concreto e individualista de grandes edifícios. Todo o filme traz, assim, uma profunda discussão questionando o entendimento mais básico e enraizado que temos do nosso estilo de vida, assim como o debate dos livros citados e outras obras.

Assim, se, em um primeiro olhar, a ideologia individualista do capitalismo neoliberal parece estar sendo reforçada pela atmosfera de desalento, o que se vê com toda a reflexão já apresentada mediante a análise de contexto do método Análise de Discurso é justamente o contrário. Esse tom de desalento não significa que um importante coletivo militante está saindo em retirada da batalha. Significa, em vez disso, a denúncia mais enfática de como um tipo específico de seres humanos, os “capitalistas ensandecidos” (MARX, 2011 [1867], p. 296-297 apud BRAGAGLIA, 2021) - as indústrias - estão agindo intensamente de modo anti-humanitário ao realizarem cumulativa e

constantemente ações extremamente catastróficas para a vida no planeta. A ideologia reformista, isto é, de que os problemas do capitalismo podem ser resolvidos neste mesmo sistema em nenhum momento está presente neste filme. Um dos principais referendos deste argumento é justamente o personagem escolhido como protagonista da obra e as referências às culturas indígenas por ele mencionadas continuamente. Afinal, trata-se de alguém e de povos que bradam em diversos campos de suas vivências, um modo não capitalista de existir, que é a vida coletiva, em torno da preservação do território (das florestas) e a militância explícita pela causa anticapitalista.

Considerações finais

Em nossa investigação sobre o FICA Garopaba 2023 – Festival Internacional de Cinema de Garopaba (SC), pudemos ver como é possível a construção de um cinema ambiental engajado, consciente dos espaços que habita e se situando na periferia do sistema capitalista mundial. Mais especificamente, nas palavras do diretor do festival, Cristovam Muniz, inseridas anteriormente, observou-se o verdadeiro conceito de cinema ambiental, que é “cinema de luta”, incluindo-se aqui luta (e resistência) anticapitalista.

Observou-se ainda que o festival é bem sucedido ao incluir outros temas sociais em suas sessões além da questão ambiental. Filmes com problemáticas sociais pertinentes ao público em que a mostra será exibida acabam abrindo caminho para que este mesmo público permaneça na sessão e assista às obras com temática majoritariamente ambiental. Essa diversidade ou interseccionalidade também está presente na própria composição das equipes que trabalham no festival: grupos continuamente invisibilizados estão de alguma forma representados em várias etapas de trabalho, com isonomia de voz, por exemplo, nos debates de curadoria que garantem a devida atenção para cada pauta política que atravessa a questão ambiental e outras temáticas dos filmes inscritos.

O formato não-competitivo e de festival itinerante também vale ser ressaltado como algo que impulsiona uma forma de vivenciar o cinema também coletiva, não buscando um filme melhor que outro para levar um título, mas experienciando vários filmes em comunidade. Isso ao envolver agentes locais de diversos tipos, como escolas, pequenos negócios, instituições, bairros, aldeias, quilombos, sindicatos, etc.

A resistência aqui se dá a insistir numa ideia de arte, de vida que vá para além do que nos é apresentado como o normal, o tradicional. Não é um festival com um público já acostumado com os maiores festivais de cinema, nos mesmos espaços, com as mesmas

peessoas e mesmas dinâmicas, pois resiste em seus princípios. Isso se mostra uma forma de luta em defesa dos ideais de coletividade, ação comunitária, dignidade e defesa das múltiplas vidas e formas de viver.

Claro que há limitações a serem vencidas no evento. A falta de recursos para pagar trabalhadores que estão na equipe do festival, o que iria possibilitar a essas pessoas uma estabilidade para se dedicar ao festival, de trazer pessoas convidadas de outras regiões, de expandir a área de abrangência e divulgação do FICA Garopaba, etc., se mostra como uma das principais limitações. Por mais que isso se contorne com trabalho voluntário, relações de troca com agentes locais e simplificação da estrutura necessária para as exposições, conseguir um financiamento de dinheiro público de políticas públicas de incentivo e fomento à cultura garantiria a possibilidade de expansão do festival sem que isso comprometesse os principais aspectos das suas potências.

É importante destacar ainda que o FICA Garopaba 2023 coloca em prática o seu claro posicionamento político anticapitalista e de combate à opressão dos mais diversos grupos vulnerabilizados. Isso é observado nas pessoas envolvidas diretamente com a realização do festival, nas falas de defesa de uma vida além dos moldes que temos hoje no capitalismo, no conteúdo e na ficha técnica de todos os filmes selecionados, no formato das exposições e das rodas de conversa, no trabalho e no perfil da curadoria. Essas e outras ações e discursos, por terem como princípios a atuação coletiva, não individualista, a não competitividade e a busca por transformar o sistema econômico vigente através de sua superação, o que se nota ora em falas explícitas, ora nas entrelinhas, como no viés não liberal dos filmes selecionados, permitem entender o FICA Garopaba 2023 como efetiva resistência e luta anticapitalistas através do cinema ambiental, ao contrário, por exemplo, de documentários comumente listados na plataforma *Netflix*.

Por fim, diante do exposto, nota-se que ainda hoje, felizmente, existe um cinema de experimentação artística e não apenas produto de uma indústria criativa lucrativa, e que pode impulsionar, mesmo lentamente, o desejo de um modo de vida sob novos paradigmas que não se baseiam na exploração das pessoas e da natureza.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRAGAGLIA, A. P. A dissimulação das marcas em tempos de Covid-19. In: FARBIARZ, A.; CLEMENTE, F.; SALDANHA, P.; BERTOL, R. (orgs.) **Mídia e cotidiano**: novos diálogos e investigações. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021.

BRAGAGLIA, A. P.; MAGALHÃES, F.; DIAS, J. S. R.; CÂNDIDO, Luna N. V. Ideologias do capital como formas de persuasão indireta no cinema ambiental hegemônico. In: BRAGAGLIA, A. P.; BURROWES, P. (orgs.) **A dissimulação na sociedade de consumo: um olhar crítico sobre as estratégias de persuasão indireta no marketing**. Rio de Janeiro: RioBooks, 2023.

CATANI, Afrânio Mendes. **O que é Capitalismo?** São Paulo: Brasiliense, 1982.

GAROPABA, Festival Internacional de Cinema Ambiental de. **523 filmes inscritos, obrigado**. Florianópolis, 25 fev. 2023. Instagram: @fica.garopaba. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CpF7EXILrI/>. Acesso em: 20 mai. 2024.

FICA GAROPABA. **Mais um pouco da nossa programação**. Florianópolis, 28 mai. 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CszT1G_JK4H/. Acesso em: 21 mai. 2024.

@FICA.GAROPABA. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CszT1G_JK4H/. Acesso em: 21 mai. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOUVÊIA, M. M. A culpa não é do vírus. In: MOREIRA, E. et al. (org.). **Em tempos de pandemia**. Rio de Janeiro: UFRJ, CFCH, 2020a.

GOUVÊIA, M. M. Aula 1: O Método. **O Capital na quarentena: uma leitura antirracista, feminista e latino-americanista**. Escola de Serviço Social (ESS/UFRJ), 2 mai. 2020b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QpCqDYUIEfs>. Acesso em: 5 mai. 2024.

ISSBERNER, Liz-Rejane; LÉNA, P. Antinomias do Antropoceno. In: ISSBERNER Liz-Rejane; LÉNA, Philippe (Org.) **Boletim da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica**. n. 38, 2019.

KAO, N. **Nosso documentário “8 Bilhões: Somos Todos Responsáveis” foi grande vencedor da mostra “Por Um Mundo Melhor” do 16º Curta Taquary**. Brasil, 2023. Disponível em: https://www.linkedin.com/posts/nelsonkao8_nosso-document%C3%A1rio-8-bilh%C3%B5es-somos-todos-activity-7045920566322544640-V4ui?trk=public_profile_like_view. Acesso em 12 jun. 2024.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARX, Karl. A mercadoria. In: **O capital: crítica da economia política. O processo de produção do Capital (Livro I)**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2011 [1867].

MUNIZ, Cristovam. **Entrevista com o diretor geral do FICA-Garopaba**. [Entrevista concedida a] Ana Paula Bragaglia e Luna Nina Vanzella Cândido. 17 mai. 2024.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Ed, 2013.

RSC PORTAL. **Garopaba terá segunda edição do Festival de Cinema Ambiental**, Garopaba, 2023. Disponível em: https://rscportal.com.br/entretenimento/garopaba_tera_segunda_edicao_do_festival_de_cinema_ambiental_508063. Acesso em: 7 mai. 2024.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 2011.